

# FOLHA INFORMATIVA # 31

## COVID-19 | Um ano depois.

Faz hoje um ano em que fizemos uma [Folha Informativa](#) sob a forma de alerta sobre alguns indícios do que tínhamos ser o futuro então próximo.

Dissemos que a nota consistia num alerta sobre a atividade económica e seria para ponderação e acção em conformidade com a área de negócio.

À data, recomendámos uma quarentena ou modo de hibernação a 15 dias a 3 semanas, do ponto de vista das decisões que importassem criação de despesa, investimento ou que, de uma maneira geral, fossem actos a praticar de acordo com o paradigma de acção ou atividade económica dos 3 a 6 meses anteriores.

Referimos que estavam reunidos os “4 cavaleiros do apocalipse da economia portuguesa”. O alinhamento de factores nacionais com internacionais faziam antever um severo revés na actividade económica, no crescimento e no emprego.

Eram:

1. Petróleo nos mercados internacionais em queda.
2. *Shut down* ou abrandamento dos nossos principais motores económicos: o turismo e imobiliário.
3. Início de greves em sectores essenciais da actividade económica.
4. Governo apresentava sinais de fraqueza e sem maioria para lidar com a crise em sectores essenciais da actividade económica e para o momento vivido em Portugal (no sector da saúde e da justiça).

### 1.

Na altura demos exemplos claros. Valerá o esforço ler o que na data escrevemos sobre isto.

Antecipámos que o preço do Barril chegaria aos 20 dls. Como sabemos chegou a 0 dls. Chegou a preço tecnicamente negativo.

## 2.

Mencionámos que depois da crise e da entrada em cena dos vistos *gold*, em 2012, o mercado imobiliário havia disparado nos principais centros urbanos em Portugal, mas que a tendência era de abrandamento com um mercado limitado à dimensão do país e da própria economia.

Salientámos que o sector dos serviços, em especial as viagens e o turismo, posicionava-se como o que levaria mais tempo a recuperar do surto do coronavírus.

Mencionámos que o Governo podia estar a desvalorizar o impacto que íamos sofrer.

Enunciámos que os efeitos seriam o abrandamento generalizado do “milagre económico” do lado da receita, do défice zero do estado e do crescimento económico nos sectores que estão penhorados no crescimento de curto e médio prazo e que contavam com isso.

Dissemos que a construção civil ia abrandar drasticamente e mesmo grandes grupos e fundos que se estavam a mover e eram notícia, oportunisticamente, como sinal de actuação de arrasto e, por outro lado, serem notícia, era sinal que também eles precisavam que o mercado pensasse que a actividade estava em regime de normalidade, pois também eles viviam do mercado bolsista que estava em choque.

**Infelizmente, em tudo tínhamos razão.** Teríamos preferido não ter e sermos chacoteados por não a ter.

## 3.

Dissemos ainda que íamos ter, nos momentos de maior fragilidade, perturbação acrescida em momento debilitado dos agentes económicos e famílias.

Os exemplos das TAP e Ground Force, do sector da cultura e da hotelaria ou restauração estão em “coma induzido” com os conselhos de que “não se despeça porque tudo vai ficar bem”.

Não vão recuperar a índices comparativos com nada, porque nada se compara com a queda sofrida.

## 4.

Salientámos, que o rol de promessas anunciadas pelo Governo naquela altura, pouco tinham que ver com as preocupações do país perante a iminência de uma recessão económica.

Como vemos hoje, vivemos todos a miragem de um país igual ao de um ano qualquer, não isolado, não falido e à espera da bazuca europeia colocada no oásis da Administração Pública que “engorda” cada vez mais, em segmentos que pouco mais fazem do que criar empregos, sendo a bazuca aliás, apenas uma política de empregos e despesa pública, esquecendo a dimensão do deserto que temos de atravessar no sector privado para lá chegar e dar ao gatilho.



NPCFADVOGADOS

AVENIDA DA LIBERDADE, Nº 144, 5º DTO.  
1250 - 146 LISBOA  
PORTUGAL

TEL: (+351) 213 570 023/43  
FAX: (+351) 213 570 044

 [www.npcf.pt](http://www.npcf.pt)  NPCF

Esta espécie de Plano *Marshal* do Largo do Rato, com sede em Bruxelas, opta por convictamente considerar que não precisamos de injectar vacinas. Acredita que precisamos de injectar dinheiro, no Estado e que daí chega às raízes do sector privado.

Da mesma forma, como vacinámos utentes de lares que já estavam infectados porque se poupou nos testes, ou se fez algo de errado, também a vacina do dinheiro vai ser dada no braço errado. Isto quando for...

Salientámos a contestação frequente e de dentro do próprio Estado a projectos ou matérias que o Governo salientou publicamente serem importantes. Todas as decisões são aparentemente precipitadas e contestadas, mudam em meses, em semanas ou em dias.

Nada melhor para o mostrar, do que o exemplo do ANAC chumbar liminarmente o que já se sabia que não ia existir, sem a lei eliminar a possibilidade do veto das autarquias, quanto ao novo aeroporto.

Sabemos todos que a suposta hipótese em aberto de Alcochete parece apenas um compasso de espera, à Fidel Castro, de dar um passo atrás, para tomar balanço para dar dois à frente no Montijo. Porém, pensando na lógica do oásis e da bazuca, não excluimos que se o Montijo custa dois mil milhões e Alcochete sete mil milhões e quem paga é o privado que os irá explorar, consideramos que Alcochete vai ganhar alento...

Demos ainda nota que, Governos de matriz fraca e com estabilidade não garantida sem haver geringonça, apenas é seguro que subsistam até ao final da presidência da União Europeia, e isto para não dar, como diz o povo, barraca com os senhores todos a verem.

Dissemos parecer haver um rumo incerto, populista, vivendo de propaganda sobre o que vai existir e não sobre o que existe com pouca aderência às necessidades reais das PME's e famílias.

Isto é: dizíamos que até lá o cenário ia naturalmente complicar-se, sobretudo porque os tiques de nervos do Governo central eram já severos e estão a notar-se com eleições autárquicas em 2021 à porta e a tal bazuca quase a explodir, cada vez mais.

Não é o caso, diga-se, do líder do executivo, que mostra fibra e estofos de fundo para disfarçar esses nervos, mas no executivo em algumas pastas-chave com grande visibilidade as reacções são pouco serenas e até menos corretas como o caso da Justiça e da Administração Interna, para não falar nos ministros-fantasma que se sabe que estão lá, mas não se veem.

Da mesma forma que, na Defesa temos o exemplo de profundo profissionalismo e sentido de Estado apertado que inspira confiança aos cidadãos, na saúde temos uma Senhora Ministra que como nenhum outro em qualquer pasta, desde o 25 de abril, esteve sujeita a uma provação tão severa, tão nos holofotes e que genuinamente tão fortemente encarna um espírito de resiliência que de facto deve ser temido e a quem prestamos, pensamos, justa homenagem. Igual homenagem estendemos ao Ministro da Economia e Transição Digital e à Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social por não terem mostrado receio de dar sempre a cara pelo que estão a fazer abnegadamente pelas áreas que tutelam.



NPCFADVOGADOS

AVENIDA DA LIBERDADE, Nº 144, 5º DTO.  
1250 - 146 LISBOA  
PORTUGAL

TEL: (+351) 213 570 023/43  
FAX: (+351) 213 570 044

 [www.npcf.pt](http://www.npcf.pt)  NPCF

10 de março de 2021

Contudo, nada melhor para demonstrar os tiques nervosos do que haver em ano de eleições autárquicas, o *big show* tique de uma pasta que deveria ser serena e não exuberante como o caso do Ministro das Infraestruturas e da Habitação que assume o papel de rebelde com uma causa de ser o *novo Rei Leão*, Ministro da República e não do Governo a que pertence ou do seu Primeiro-Ministro que o nomeou, anunciando que reúne com sindicatos, descarta acionistas privados ao pequeno-almoço, dizendo às autarquias: evidentemente mudamos a lei porque o “Presidente da junta” sou eu.

Tudo é discutido à vista de toda gente, dizendo que o que todos parecem ter visto não é o que parece e ninguém viu. É lapso, e nosso. Não é bom para o sector que é por esta pasta tutelada, devendo os cidadãos e as empresas esperar nesta pasta uma gestão sempre com os olhos postos na avaliação de desempenho para um emprego como líder do partido e algo entre *o xerife do velho oeste* e *o engenheiro com ginete da Covilhã*.

Por outro lado, não se troca de generais a meio da guerra, e aquele que seria o nosso Ronaldo das Finanças, de repente aposenta-se para a Liga dos Bancos, e estamos certos de que a todos pareceu evidente que íamos enfrentar o monstro da pandemia de canivete na mão.

De facto, goste-se ou não, para a actividade económica e para a confiança da mesma, precisa do peso dos titulares das pastas. Tínhamos um Ministro das Finanças que sendo *Centeno* de nome, de facto entre centenas, era o único Leão digno desse nome com farta cabeleira e maior sorriso, e que o Leão sem juba que ocupou o seu lugar é um gato amistososo, quase querido. Mas também reconheça-se, manifestamente uma pessoa de bem num local agora mau, à hora errada e com um azar dos Távoras.

Infelizmente, partidos à parte, porque a política não nos interessa avaliar, interessa sim avaliar o Estado e como estamos, porque a sua actuação influencia vidas, muda-as, acciona as necessidades de advocacia preventiva e activa modos de segurança legal.

Aliás, nas palavras do capitão Salgueiro Maia aos instruendos que com ele de Santarém vieram a Lisboa na madrugada do 25 de abril, de facto, “há como sabem diversas modalidades dos Estados se organizarem, há os Estados socialistas, há os Estados comunistas, há os Estados Capitalistas e há o estado a que chegámos, eu proponho acabar com o estado a que chegámos.”

Pois bem, nós apenas propomos perceber como nos posicionarmos em cada segmento de actividade, ao estado a que chegámos, pois temos uma espécie de férias judiciais, uma espécie de férias escolares, uma espécie de plano de vacinação, uma espécie de subsídios, uma espécie de confinamento, uma espécie de estado de emergência, uma espécie de estabilidade, uma espécie de intenção de oposição, uma espécie de proibição das vendas de postigo, uma espécie de moratórias de créditos e uma espécie de grande prémio de fórmula 1 e outra espécie de grande prémio de moto GP.

Parece que gripámos aquilo que eram os motores do nosso milagre económico e vivemos envoltos no mistério onde todos nós andamos a cortar a gadelha, porque ninguém anda cabeludo e a verem-se as raízes nas vésperas de mais um 11 de março, só que neste, os telejornais abrem com trabalhadores nas ruas a pedirem que lhes nacionalizem as empresas.



NPCF ADVOGADOS

AVENIDA DA LIBERDADE, Nº 144, 5º DTO.  
1250 - 146 LISBOA  
PORTUGAL

TEL: (+351) 213 570 023/43  
FAX: (+351) 213 570 044

 [www.npcf.pt](http://www.npcf.pt)  NPCF

10 de março de 2021

**Pois bem. Isto foram os últimos doze meses.**

O que recomendamos? O que pensamos serem os próximos meses? Qual a forma preventiva de com resiliência olhar para o futuro e em cada sector.

Fazer exatamente o mesmo que propusemos há um ano atrás, com as necessárias adaptações.

Naquela altura estávamos para fechar, confinar. Agora estamos para abrir, para desconfinar.

**Pois bem, propomos precisamente uma paragem, mas neste caso, de um mês e meio a três meses de decisões que importem incremento de responsabilidades, que tenha como pressuposto que a pandemia acabou, que tenha como pressuposto acreditar no estrondo da bazuca, da recuperação da europa a uma única velocidade, da imunidade de grupo e que não possa haver outro crescimento galopante de casos, que seja sim uma nova bazucada em quem já não pode nem com um estalinho de Carnaval.**

Deve outrossim, apressar-se o fecho de todas as oportunidades que tenham nascido no idêntico prazo, temporalmente de um ano, ou que surjam em cada semana para o futuro e que importem realizar receita. Neste caso, havendo oportunidade de reduzir exposições e risco, faça-se, havendo possibilidade de se fazer um *downgrade* na escala de *stock* de problemas, faça-se, porque não há garantia de segundas oportunidades para mais ou menos boas primeiras hipóteses.

Faça-se o que qualquer soldado raso e *operador de bazuca* fará. Protejam os ouvidos de forma a preservar a audição, porque está todo um país a salivar por um bom estrondo, que não vai vir, nem já, nem será como se diz. Quando pensarem que afinal já não vai haver *bang* nenhum, desprotegendo os ouvidos é precisamente nessa altura que o estrondo se vai ouvir, beneficiando o vizinho do lado e nós ficaremos surdos ou empatados, como os inquietos que mudam constantemente de filas de trânsito ou de caixa de supermercado.

De uma forma, muito clara, emitimos um juízo crítico de aconselhamento a não se fazer assentar vidas e projectos de futuro em percepções de fé e convicção subjectiva de espíritos animados com notícias de boas novas dadas por adquiridas - hoje, amanhã ou nos próximos 3 meses - percecionadas pelos media

A nossa economia assenta essencialmente em actividades de planeamento de curto de prazo, assenta em tesourarias dependentes da ausência de uma mínima perturbação na capacidade de gerar riqueza e com fraca capacidade ou possibilidade de planeamento a médio ou longo prazo. O passado recente e o ano passado desde 10 de março de 2020, prova-o. Pensámos que estávamos fora...

<https://www.bing.com/videos/search?q=when+i+thnik+i%27m+out+they+pull+me+v%c2%a+back+in&&view=detail&mid=03563FC4E016832C41EF03563FC4E016832C41EF&&FORM=VDRVRV>



**NPCF**ADVOGADOS

AVENIDA DA LIBERDADE, Nº 144, 5º DTO.  
1250 - 146 LISBOA  
PORTUGAL

TEL: (+351) 213 570 023/43  
FAX: (+351) 213 570 044

 [www.npcf.pt](http://www.npcf.pt)  NPCF

Lisboa, 10 de março de 2021

Elaborada por: Nuno Pinto Coelho de Faria



nuno.pinto.coelho.faria@npcf.pt



**NPCF**ADVOGADOS

AVENIDA DA LIBERDADE, Nº 144, 5º DTO.  
1250 - 146 LISBOA  
PORTUGAL

TEL: (+351) 213 570 023/43  
FAX: (+351) 213 570 044

 [www.npcf.pt](http://www.npcf.pt)  NPCF

10 de março de 2021